

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

**Filosofia**  
**Política,**  
**Educação,**  
**Direito e**  
**Sociedade 3**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e  
Sociedade 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-096-4

DOI 10.22533/at.ed.964190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.  
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O presente livro tem como principal objetivo o estudo da educação como direito fundamental, sobretudo do direito de acesso aos níveis mais elevados da educação. Ressalta-se que a justificativa para esse enfoque se dá em razão do destaque sobre o direito à educação, notadamente no que tange aos preceitos traçados pela Constituição da República de 1988. Essa abordagem contribui para uma análise crítica sobre a efetividade das normas constitucionais que dispõe sobre o acesso ao ensino superior e para a elaboração de propostas de intervenções futuras, que visem à melhoria da educação no país. Para isso, foram analisados alguns aspectos sobre a educação no Brasil. Adotou-se o tema Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade, por ser um assunto de discussão recente e de grande contribuição para o universo acadêmico. O direito à educação é um tema que sempre mereceu destaque e, atualmente, encontra-se dentre as temáticas mais polêmicas e indiscutivelmente prioritárias devido aos vários programas que surgem no Estado relacionados à acessibilidade do ensino. Esse direito surge com vistas à qualificação do indivíduo para se tornar um cidadão capaz de se determinar por sua própria convicção e, no Brasil, o direito à educação passa por diversos ordenamentos, sendo ampliado e mais visado com a promulgação da Constituição da República de 1988. A CR/88 dispõe que é dever do Estado e também da família assegurar a educação e, dentre os preceitos constitucionais, determina a competência comum dos entes federativos para a regulamentação desse direito. Com efeito, o direito à educação, descrito como direito social no art. 6º da CR/88, é também considerado um direito fundamental e, como tal, são necessárias medidas que assegurem a sua realização e efetividade. Para o cumprimento da obrigação imposta, o Estado vem usando programas que conferem condições aos indivíduos de ingressarem nas escolas e universidades. São diversas ações que promovem não só a educação, mas também outras necessidades básicas que dão suporte, tais como a saúde e a renda familiar. Mesmo assim, ainda é espantoso o número de indivíduos analfabetos e crianças que não estão nas escolas, alarmando a situação do país, que assim busca uma solução por A EDUCAÇÃO COMO DIREITO FUNDAMENTAL.

*Não sei quantas almas tenho. Cada momento mudei. Continuamente me estranho. Nunca me vi nem acabei.*

*De tanto ser, só tenho alma. Quem tem alma não tem calma. Quem vê é só o que vê, Quem sente não é quem é, Atento ao que sou e vejo, Torno-me eles e não eu.*

*Cada meu sonho ou desejo É do que nasce e não meu. Sou minha própria paisagem; Assisto à minha passagem, Diverso, móbil e só, Não sei sentir-me onde estou.*

*Por isso, alheio, vou lendo Como páginas, meu ser. O que segue não prevendo, O que passou a esquecer. Noto à margem do que li O que julguei que senti. Releio e digo: “Fui eu?” Deus sabe, porque o escreveu. Fernando Pessoa – Não sei quantas almas tenho.*

No artigo **a COMUNICAÇÃO EDUCATIVA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UMA NECESSIDADE EMERGENTE NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**, os autores Maria Inez Pereira de Alcântara, Joaquim José Jacinto Escola, Alexandre dos Santos Oliveira, buscaram apresentar o resultado parcial de uma investigação realizada com finalistas do Curso de Pedagogia, de 05 (cinco) instituições de formação inicial de professores, sendo 02 (duas) instituições públicas e 03 (três) particulares. No artigo **CONCEPÇÕES DAS CRIANÇAS SOBRE HEMOFILIA, DIREITOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O TRABALHO DA EDUCAÇÃO SOCIAL EM SAÚDE**, os autores Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, Verônica Regina Muller, Marcos Antonio dos Santos, Lucas Tagliari da Silva . A proposta deste trabalho foi investigar quais os conhecimentos que crianças que frequentam o Hemocentro Regional de Maringá possuem sobre Hemofilia, sobre os direitos das crianças e como elas concebem que esses assuntos precisam ser trabalhados com os professores e alunos. No artigo **Concepções sobre a Escolha e Idealização Profissional dos Graduandos no Curso de Pedagogia: qual o papel da Didática no currículo?** As autoras Aline Daiane Nunes Mascarenhas, Priscila Santos Amorim, Adriana Santos de Jesus, buscaram compreender como ocorreu a escolha pelo curso de Licenciatura em Pedagogia, diante de um cenário não muito atraente, bem como, de buscar compreender como a Didática pode contribuir nesta identificação. No artigo **CONSTRUINDO MAQUETES PARA O ENSINO DO CONCEITO DE PROPORCIONALIDADE: RELATO E REFLEXÕES**, as autoras Carolina Bruski Gonçalves, Neila Carolina Marchiori, o objetivo inicial da atividade foi possibilitar aos educandos a percepção da presença da Matemática em seu contexto social. No artigo **CONTOS DE FADAS EM LIBRAS NA ESCOLA: DESFAZENDO MITOS, MINIMIZANDO BARREIRAS**, as autoras Adriana Moreira de Souza Corrêa, Natália dos Santos Almeida, discorre que mesmo com a base legal, ainda encontramos dificuldades para implementar esta proposta nas escolas brasileiras devido a vários fatores, os quais agrupamos em: precarização da formação/informação do professor e dos demais integrantes da comunidade escolar, a ausência de programas de suporte ao aprendizado deste grupo e à falta de participação de pessoas com deficiência na elaboração de ações formativas da escola. No artigo **CRIANÇAS DO NOSSO TEMPO: MUDANÇAS SOCIAIS, NOVAS PERSPECTIVAS GERACIONAIS NO MUNICÍPIO DE PARINTINS-AM** os autores **Mateus de Souza Duarte, Kilsimara Nascimento Ribeiro, Raimunda Nonata Yoshii Santarém de Souza, Ângela Maria Rodrigues de Figueiredo** Buscam investigar a criança em sua prática cotidiana na percepção dos adultos com os quais convivem, ou seja, o que os adultos pensam sobre esse grupo geracional, sobre a infância, a cultura infantil e as relações de alteridade e autoridade com os adultos. No artigo **CRISE AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: POSTULADOS DE ENRIQUE LEFF**, os autores Janaína Soares Schorr, Marcele Scapin Rogerio, Daniel Rubens Cenci procuram estudar a importância da educação ambiental como contribuição ao desenvolvimento sustentável, a partir da

análise das obras do Professor Enrique Leff, Doutor em Economia do Desenvolvimento, e um dos maiores defensores do diálogo entre os saberes como forma de resolver os problemas ambientais, construindo uma racionalidade ambiental para suplantar a crise ambiental resultante da racionalidade econômica e promotora da destruição do Planeta. No artigo **DA EXPERIÊNCIA DA ESCOLA PROJETO ÂNCORA: APRENDIZAGEM E PRÁTICA PEDAGÓGICA**, os autores, Patricia Martins Gonçalves, Gilberto Aparecido Damiano, trata-se de uma pesquisa em Educação, um estudo de caso com abordagem fenomenológica, na Escola Projeto Âncora, cidade de Cotia, São Paulo/Brasil. No artigo **DA NOVA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO AO SOCIAL REALISMO: UMA TRAJETÓRIA DO CAMPO EDUCACIONAL**, o autor: Isaías Pascoal procura entender as grandes perspectivas educacionais que tomaram conta do campo educacional, desde o surgimento da “Nova sociologia da educação”, nos anos 70, até culminar no “Construtivismo social”, que penetrou o meio educacional em geral, notadamente em países como o Brasil. No artigo **DESIGN VISUAL: UM OLHAR DIFERENCIADO NO PAPEL DA IMAGEM NO LIVRO DIDÁTICO**, a autora Denise Jorgens, objetivo deste trabalho é explorar os elementos visuais do Livro Didático como produtores de sentido e de que forma estes podem proporcionar aos alunos outras formas de leitura, além do texto verbal ou da análise de imagem proposta pelo autor do livro. No artigo **DIREITOS DOS ANIMAIS: A INTERVENÇÃO DO HOMEM** a autora Isadora Ramos Klein, buscar entender o processo ao longo da história da criação das leis de defesa aos animais e de como eram e são tratados até os dias de hoje pelo homem. Passando por pensamentos de diferentes filósofos, teremos uma análise mais clara e ampla da evolução de tal processo. No artigo **EL USO DE LOS PORTAFOLIOS COMO ESPACIO PARA EL DIÁLOGO Y EL TRABAJO COLABORATIVO MEDIANTE LA SOLIDARIDAD ENTRE PARES**, os autores Daniel Fabián Roca Flores Pinto, Maria José Batista Pinto Flores, buscam verificar o impacto do uso do portfólio do estudante como estratégia inovadora para o ensino da disciplina de administração, utilizada pelos dezoito alunos do quarto período do curso profissional de engenharia de sistemas em uma universidade peruana. Os alunos foram organizados em quatro grupos para trabalhar na construção de seus portfólios. No artigo **ENSINO APRENDIZAGEM DE FUNÇÃO ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS E REPRESENTAÇÕES MÚLTIPLAS**, o autor Jefferson Dagmar Pessoa Brandão, busca analisar as dificuldades e possibilidades da metodologia de ensino aprendizagem de Matemática através da resolução de problemas aliada ao trabalho com as representações múltiplas para a formação do conceito de função, em sala de aula. No artigo **ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA EM UM CONTEXTO INTERDISCIPLINAR**, os autores Daniel Luciano Gevehr, Darlã de Alves busca Analisar o ensino da cultura afro-brasileira e africana no contexto escolar, a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Iniciamos o estudo, a partir de um levantamento que procurou reunir publicações nacionais sobre o tema da cultura afro-brasileira e africana. **ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL: DA DITADURA**

**AOS DIAS ATUAIS – UMA BREVE DISCUSSÃO**, os autores Francisco Felipe de Aguiar Pinheiro e Maria Terla Silva Carneiro dos Santos, a pesquisa busca analisar o ensino de História na educação básica brasileira. Tendo em vista que nesse contexto a formação dos professores foi comprometida com a criação dos cursos de Licenciaturas Curtas e discutir os efeitos das diretrizes oficiais para o ensino de História nesse período, destacando os avanços e permanências presentes nessas propostas e evidenciando o lugar ocupado pela História escolar nos dias atuais. Para tal, utilizamos como documentos basilares a LDB n. 5.692/71 e os Parâmetros Curriculares Nacionais, No artigo o **ENSINO TÉCNICO DE ENFERMAGEM: O USO DO PORTFÓLIO COMO FERRAMENTA FACILITADORA**, os autores July Grassiely de Oliveira Branco, Antonio Dean Barbosa Marques, Rochelle da Costa Cavalcante, Maria Cecília Cavalcante Barreira, Francisca Bertilia Chaves Costa busca relatar as experiências vivenciadas enquanto docente orientadora de estágio do curso técnico de enfermagem, na tentativa de refletir acerca do processo de ensino e aprendizagem. Trata-se de um estudo crítico-reflexivo, do tipo relato de experiência. No artigo, **ENSINO-APRENDIZAGEM DE FÍSICA NO ENSINO SUPERIOR: UM PROCESSO INTEGRADO AO ENSINO DE MATEMÁTICA ATRAVÉS DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS**, os autores, Manoel dos Santos Costa, Elsom José Gomes Santos, Alessandra Sampaio Couto, Norma Suely Gomes Allevato, analisar algumas possibilidades de integração entre o ensino de Física e o de Matemática, pois há uma relação muito próxima entre essas duas áreas do ensino. No artigo **ENTRE REALIDADE E FAZ DE CONTA: MANIFESTOS DA AUTONOMIA E AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, os autores Emily Maise Feitosa Aragão e Tacyana Karla Gomes Ramos, buscam analisar as relações sociais entre crianças, abordando os fenômenos da afetividade e brincadeiras, em meio às práticas cotidianas da Educação Infantil. Os preceitos metodológicos são inspirados na etnografia, que apresenta e traduz a prática da observação participante, da descrição e da análise das dinâmicas interativas (ANDRÉ, 2003). No artigo **ESCOLARIZAÇÃO NO ÂMBITO FAMILIAR: ERRO OU SOLUÇÃO**, os autores Pedro Trindade Petersen, Andréia Cenedeze, Daniela Ignácio, Cassiano Berta da Silva, Vanessa Steigleder Neubauer, Carlise Maria Zambra, os autores procuram procura mostrar os pontos negativos e positivos sobre educação domiciliar, evidenciando, detalhadamente, cada ponto, de modo a mostrar a visão do aluno e dos professores nesta nova didática estudantil. No artigo **Estratégias de Aprendizagem Realizadas por Alunos do Curso de Graduação em Educação Física a Distância da Universidade de Brasília** os autores, André Ribeiro da Silva, Jônatas de França Barros, Robson de Souza Lobato, Jitone Leônidas Soares, Sílvia Emanoella Silva Martins de Souza, Guilherme Lins de Magalhães, buscam investigar as estratégias e hábitos de aprendizagem de graduandos em educação física a distância em uma universidade do Brasil. Foram convidados 115 alunos, de diversos polos presenciais da Universidade Aberta do Brasil (UAB/UnB), atualmente institucionalizada pela Universidade de Brasília. Os instrumentos de pesquisa foram baseados nos modelos

*MAIS* e *IMPACT*. No artigo **EUGENIA E HIGIENISMOS: INSTITUIÇÕES DE ENSINO NAS PÁGINAS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX**, os autores, Levson Tiago Pereira Gomes da Silva e Adlene Arantes, buscam analisar que influências físicas e ideológicas presentes nas instituições escolares, nos primeiros anos do século XX, destes agentes higienistas. No artigo **FIM DA ESCOLA, A MORTE DO EDUCADOR E O CONTEMPORÂNEO NA EDUCAÇÃO**, os autores Gabriel Torelly Fraga Corrêa da Cunha e Guilherme Schröder, tratam do fim da escola, da morte do educador e do contemporâneo na educação. Ao invés de tratar o tema de modo analítico ou explicativo, se coloca como um exercício de escrita crítico-criativo que atualiza os termos do problema ao mesmo tempo em que produz reflexividade. No artigo **FINANÇAS COMPORTAMENTAIS NO MERCADO FINANCEIRO BRASILEIRO**, Mirian Sousa Moreira, Ana Clara Ramos, Daiane do Rosário Martins da Silva, Ana Paula Pinheiro Zago, Carla Mendonça de Souza, Sulamita da Silva Lucas, Liliane Guimarães Rabelo, Rafael Silva Couto, buscam analisar a produção científica sobre efeito manada no mercado financeiro, na área de Finanças Comportamentais, por meio de uma pesquisa bibliométrica na base de dados Portal periódicos CAPES, no período de 2006 a 2016.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO.



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>1</b>
COMUNICAÇÃO EDUCATIVA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UMA NECESSIDADE EMERGENTE NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO.	
Maria Inez Pereira de Alcântara Joaquim José Jacinto Escola Alexandre dos Santos Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9641904021</b>	
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>9</b>
CONCEPÇÕES DAS CRIANÇAS SOBRE HEMOFILIA, DIREITOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O TRABALHO DA EDUCAÇÃO SOCIAL EM SAÚDE	
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula Verônica Regina Muller Marcos Antonio dos Santos Lucas Tagliari da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9641904022</b>	
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>18</b>
CONCEPÇÕES SOBRE A ESCOLHA E IDEALIZAÇÃO PROFISSIONAL DOS GRADUANDOS NO CURSO DE PEDAGOGIA: QUAL O PAPEL DA DIDÁTICA NO CURRÍCULO?	
Aline Daiane Nunes Mascarenhas Priscila Santos Amorim Adriana Santos de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9641904023</b>	
<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>23</b>
CONSTRUINDO MAQUETES PARA O ENSINO DO CONCEITO DE PROPORCIONALIDADE: RELATO E REFLEXÕES	
Carolina Bruski Gonçalves Neila Carolina Marchiori	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9641904024</b>	
<b>CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>28</b>
CONTOS DE FADAS EM LIBRAS NA ESCOLA: DESFAZENDO MITOS, MINIMIZANDO BARREIRAS	
Adriana Moreira de Souza Corrêa Natália dos Santos Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9641904025</b>	
<b>CAPÍTULO 6 .....</b>	<b>41</b>
CRIANÇAS DO NOSSO TEMPO: MUDANÇAS SOCIAIS, NOVAS PERSPECTIVAS GERACIONAIS NO MUNICÍPIO DE PARINTINS-AM	
Mateus de Souza Duarte Kilsimara Nascimento Ribeiro Raimunda Nonata Yoshii Santarém de Souza Ângela Maria Rodrigues de Figueiredo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9641904026</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>55</b>
CRISE AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: POSTULADOS DE ENRIQUE LEFF	
Janaína Soares Schorr Marcele Scapin Rogerio Daniel Rubens Cenci	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9641904027</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>71</b>
DA EXPERIÊNCIA DA ESCOLA PROJETO ÂNCORA: APRENDIZAGEM E PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Patricia Martins Gonçalves Gilberto Aparecido Damiano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9641904028</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>84</b>
DA NOVA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO AO SOCIAL REALISMO: UMA TRAJETÓRIA DO CAMPO EDUCACIONAL	
Isaías Pascoal	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9641904029</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>97</b>
DESIGN VISUAL: UM OLHAR DIFERENCIADO NO PAPEL DA IMAGEM NO LIVRO DIDÁTICO	
Denise Jorgens	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96419040210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>105</b>
EL USO DE LOS PORTAFOLIOS COMO ESPACIO PARA EL DIÁLOGO Y EL TRABAJO COLABORATIVO MEDIANTE LA SOLIDARIDAD ENTRE PARES	
Daniel Fabián Roca Flores Pinto. Maria José Batista Pinto Flores.	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96419040211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>112</b>
ENSINO APRENDIZAGEM DE FUNÇÃO ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS E REPRESENTAÇÕES MÚLTIPLAS	
Jefferson Dagmar Pessoa Brandão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96419040212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>123</b>
ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA EM UM CONTEXTO INTERDISCIPLINAR	
Daniel Luciano Gevehr Darlã de Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96419040213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>139</b>
ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL: DA DITADURA AOS DIAS ATUAIS – UMA BREVE DISCUSSÃO	
Francisco Felipe de Aguiar Pinheiro Maria Terla Silva Carneiro dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96419040214</b>	

**CAPÍTULO 15 ..... 149**

ENSINO-APRENDIZAGEM DE FÍSICA NO ENSINO SUPERIOR: UM PROCESSO INTEGRADO AO ENSINO DE MATEMÁTICA ATRAVÉS DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Manoel dos Santos Costa  
Elsom José Gomes Santos  
Alessandra Sampaio Couto  
Norma Suely Gomes Allevato

**DOI 10.22533/at.ed.96419040215**

**CAPÍTULO 16 ..... 155**

ENTRE REALIDADE E FAZ DE CONTA: MANIFESTOS DA AUTONOMIA E AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Emily Maise Feitosa Aragão  
Tacyana Karla Gomes Ramos

**DOI 10.22533/at.ed.96419040216**

**CAPÍTULO 17 ..... 163**

ESCOLARIZAÇÃO NO ÂMBITO FAMILIAR: ERRO OU SOLUÇÃO

Pedro Trindade Petersen  
Andréia Cenedeze  
Daniela Ignácio  
Cassiano Berta da Silva  
Vanessa Steigleder Neubauer  
Carlise Maria Zambra

**DOI 10.22533/at.ed.96419040217**

**CAPÍTULO 18 ..... 172**

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM REALIZADAS POR ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA A DISTÂNCIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

André Ribeiro da Silva  
Jônatas de França Barros  
Robson de Souza Lobato  
Jitone Leônidas Soares  
Sílvia Emanoella Silva Martins de Souza  
Guilherme Lins de Magalhães

**DOI 10.22533/at.ed.96419040218**

**CAPÍTULO 19 ..... 179**

EUGENIA E HIGIENISMOS: INSTITUIÇÕES DE ENSINO NAS PÁGINAS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX

Levson Tiago Pereira Gomes da Silva  
Adlene Arantes

**DOI 10.22533/at.ed.96419040219**

**CAPÍTULO 20 ..... 191**

FIM DA ESCOLA, A MORTE DO EDUCADOR E O CONTEMPORÂNEO NA EDUCAÇÃO

Gabriel Torelly Fraga Corrêa da Cunha  
Guilherme Schröder

**DOI 10.22533/at.ed.96419040220**

**CAPÍTULO 21 ..... 200**

FINANÇAS COMPORTAMENTAIS NO MERCADO FINANCEIRO BRASILEIRO

Mirian Sousa Moreira

Ana Clara Ramos  
Daiane do Rosário Martins da Silva  
Ana Paula Pinheiro Zago  
Carla Mendonça de Souza  
Sulamita da Silva Lucas  
Liliane Guimarães Rabelo  
Rafael Silva Couto

**DOI 10.22533/at.ed.96419040221**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 211**

## FIM DA ESCOLA, A MORTE DO EDUCADOR E O CONTEMPORÂNEO NA EDUCAÇÃO

**Gabriel Torelly Fraga Corrêa da Cunha**

UFRGS PPGEDU

Porto Alegre RS

**Guilherme Schröder**

UFRGS PPGEDU

Porto Alegre RS

**RESUMO:** O artigo trata do fim da escola, da morte do educador e do contemporâneo na educação. Ao invés de tratar o tema de modo analítico ou explicativo, se coloca como um exercício de escrita crítico-criativo que atualiza os termos do problema ao mesmo tempo em que produz reflexividade. Texto polissêmico. Se elabora com a fantasia de auto atualização e proliferação de vozes sobre o fim da escola, a morte do educador, o contemporâneo na educação. Jogo em misturas de potências articulando passado, presente e futuro, bem como a realidade e a ficção. A morte do educador como o lugar de uma fala declinante, corrosiva, onde desdobram-se os espasmos de uma linguagem apodrecida e de um ser arrancado aos antigos possíveis de sua zona de enunciação. O fim da escola funciona enquanto fantasia diretora da escrita, elemento desencadeador do encontro entre o imaginário da escrita e o cenário de novos futuros possíveis desenhados por um atrator caótico que defende a realidade contra seus

aparelhos semióticos de escravização. O texto não apresenta modelos, nem segue a lógica de um determinado percurso teórico filosófico tendo em vista alguma finalidade de explicação. Todavia, se assume enquanto manifestação do intertexto absoluto da vida. Sem filiações excessivas, o que se apresenta é a resultante ontologicamente fragmentária dos pedaços de vida plurais experimentados e incorporados em algum lugar de leitura e de vivência. Serve-se de elementos significantes extraídos de outros textos para compor, escolhendo como interlocutores privilegiados os escritos teóricos de Roland Barthes, Maurice Blanchot, Giorgio Agamben entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita; Educação; Criação

**ABSTRACT:** The article is about the end of the school, the death of the educator and the contemporary in education. Instead of addressing the issue in an analytical or explanatory way, it stands as an exercise of critical and creative writing that updates the terms of the problem while it produces reflexivity. Polysemic text. Is elaborated with the auto update fantasy and proliferation of voices about the end of school, the educators death, the contemporary in education. Game in power rating mixture articulating past, present and future, as the reality with fiction. The educators death as a

place of a declining speech, corrosive, were unfold spasms of a rotted language and a being ripped out to the old possible of your enunciation zone. The end of school works while fantasy director of the writing and the new possible futures scenery designed by a chaotic attractor defending the reality against their enslavement semiotic devices. The text doesn't presents models, neither follows the logic of a determined philosophical theoretical path in view of an explanation purpose. However, is assumed as a manifestation of absolute intertext of life. Without excessive affiliations, is presented the resulting ontologically fragmentary of plural life pieces experimented and incorporated in some place of reading and experience. It uses significant elements taken from other texts in order to compose, choosing as privileged interlocutors, the theoretical writings of Roland Barthes, Maurice Blanchot, Giorgio Agamben and others.

**KEYWORDS:** Scripture; Education; Creation

*“Se fosse para ele se exprimir afinal. Por mais débil que fosse. Que acréscimo à companhia isso ia ser! Você está deitado de costas no escuro e um dia vai se exprimir de novo. Um dia! No fim” (BECKETT, p.36).*

Texto polissêmico. Se elabora com a fantasia de auto atualização e proliferação de vozes sobre o fim da escola, a morte do educador, o contemporâneo na educação. Contemporâneo como aquilo que está aqui, agora, mistura de potência e ruído nas articulações entre passado, presente e futuro gerando jogos possíveis entre o sentido e a ausência do sentido; contemporâneos também como aqueles que estão conosco, locutores com quem escolhemos correr o risco de estar juntos para operacionalizar um texto. A morte do educador como o lugar de uma fala declinante, corrosiva, onde desdobram-se os espasmos de uma linguagem apodrecida e de um ser arrancado aos antigos possíveis de sua zona de enunciação. A morte do educador como o lugar de uma fala deslocada: já é impossível falar de lá, e ainda não é possível falar daqui. Acima de tudo, visamos o real, esse real que antes de ser atualizado em processos de formalização é matéria informe em estado de potência e continuidade absoluta. Através do exercício do texto, atuando como teor inorgânica acoplado aos limites da linguagem, há aqui uma defesa do real frente às diversas matrizes discursivas colonizadoras que pretendem revelá-lo.

O texto não apresenta modelos, nem segue a lógica de um determinado percurso teórico filosófico tendo em vista alguma finalidade de explicação. Todavia, se assume enquanto manifestação do intertexto absoluto da vida. Sem filiações excessivas, o que se apresenta é a resultante ontologicamente fragmentária dos pedaços de vida plurais experimentados e incorporados em algum lugar de leitura e de vivência – a resultante necessária da mistura, do gosto, da sorte, dos azares, do excesso e do precário, transformados em matéria de texto educacional. Pedaços que não geram histórias de linhagens, mas que funcionam ao ativar processos textuais. “Kama-sutra da linguagem”, gesto antropofágico, exercício ético pós-estrutural que transita via multiplicação dos devires. Se alimenta de outros tantos textos que educam os sentidos,

de outros tantos espaços que alimentam a percepção. Busca suplementos de alegria discursiva que balanceiem a aridez e a tristeza da língua, abrindo ao redor dos modos de existência do possível uma zona tanto maior de indeterminação. Nada disso nas bolhas de transcendência do idealismo romântico educacional. Tudo isso no corpo, na carne, no sentir imediato daquilo que é e funciona como contemporâneo. No *aqui-e-agora* terrestre do acontecimento, a pretensão de dar vida a um novo fragmento em meio ao emaranhado caótico dos intertextos educacionais. Habitando decididamente o interior do texto, manifesta um gosto pelos processos polifônicos que abrem as vias do sentido pela multiplicação de vozes. Vozes muitas vezes estranhas, estrangeiras, uma vez que pertencem a esse lugar atópico do educador morto, da ausência de escola e que, mesmo como ausência, ainda se faz presente no discurso. De certo modo, é exatamente isso. O educador morto e o fim da escola como manifestações precárias de uma matriz educacional vista e dita no interior vertiginoso de um universo de significação sempre ainda escuro, indisponível para os aparelhos castradores da discursividade, e ainda assim, de alguma forma, presente.

Antigamente, desde o remoto tempo em que a implacável fúria das musas foi aprisionada em socráticas figuras, as fábulas andavam de braços dados com a moral. Depois, nasceu a escola, fábula do tempo livre, e foi invadida pela hidra de cabeças renascentes que atende pelas morais de ocasião. A cada acaso, uma causa; a cada dado lançado pelo sorteio caótico dos olhares e das manifestações, uma finalidade impressa nos corpos. Um dia, aquele laço se rompeu. E a escola acabou. Nesse mesmo instante, alguém perguntou por que, afinal de contas, era preciso esperar pelo transe coletivo da grande ausência da escola para ver a fábula se desprender da moral (ou aquilo que se costuma chamar “a hora do recreio”). E um professor, depois de distribuir parcelas de gritos e palavrões, se apresentou para oferecer um bocado de silêncio. Ele ainda não vai falar; ele já não pode falar; nesse momento, o lugar de onde ele falaria está escuro, e ele está curvado como um pequeno caramujo sob a pancada seca do destino sem escola; sua condição foi tomada, preenchida por uma potência cega de aluno, quer dizer, pela ausência de luz, ou melhor, sombra, imenso sombráculo virtual. Você sonhou que o aluno agora seria valorizado, que finalmente ele se tornaria sujeito da sua própria história, mas não. O que vale aqui é a sombra, a penumbra grafológica atemporal onde cresce o desespero; e do desespero, a pancada, a escrita breve do acontecimento em fragmentos rarefeitos de um impossível educacional.

Impossível. Ao mesmo tempo, é justamente aí, nesse terrível manancial do desespero, onde se pode sentir que a plenitude total do negativo – ausência erótica de si e do mundo – funciona como uma atmosfera meio flácida e palpitante em que aluno e professor se confundem sob o efeito de um *continuum* obtido quando a sala de aula é invadida por elementos encantatórios. Sala de aula e encanto, grave contradição ontológica. Em suas aulas sobre literatura em Berkeley, Cortázar dizia que o “encantatório” possui em aparência dois diferentes conceitos: encanto como magia, sortilégio xamânico, dionisíaco; e encanto como canto, cantar, necessidade do canto,

apesar de tudo. Em todo caso, encanto como efeito literário apocalíptico e festivo nascido da dissolução dos marcos referenciais e dos julgamentos: a escola acabada, dissolvida, e a necessidade de cantar. Outra escola? O professor impossível? Quem aqui ainda quer ser educado? Todavia, de alguma forma sim, *encanto*, pois no escuro total de um universo de linguagem destruído ainda resta uma presença, e essa presença, embora já não possa ocupar ingenuamente a duração de uma verdade, está ali, insiste em ser alguma coisa, talvez até mesmo grite contra essa radical impossibilidade e esse grito produza algum efeito de ruído. A música. O arrebatamento. “Mesmo parado no escuro atemporal você acha conforto em cifras” (BECKETT, p.48).

Você não vai falar. Você não pode falar; e, apesar de tudo, você fala. Um professor ausente, quase ausente, no entanto, ainda presente na ausência, busca uma solução para compensar o que seria uma paralisia do estilo, uma ponta de sagacidade na descrição de uma autoria professoral precária. Consternado pelo quadro de uma escrita paralítica, traça um círculo de giz em torno de seu próprio esgotamento e observa o desdobramento e a política expansionista das imagens e das proposições para fora do olho cego e latente de seu processo semiótico. “Fui além de todos os abismos. Silêncio e luminosidade” (VILA-MATAS, p.234). Uma *Paideia* holográfica cresce na fantasia de um novo universo educacional multidimensional. Numa dificuldade abissal de portar a caneta, um educador ainda assim escreve uma certa “Declaração dos Direitos do Sonho” e formula uma estranha regra de procedimento: “*quem parte de onde quer, chega aonde pode*”. Método Cristóvão Colombo, método André Breton. O alcance buscado é aquele de uma alegria de tipo muito especial, a alegria surrealista, manifestada quando irrompe na consciência a pontada de um agulhão desconhecido, sinalizando que uma terra nova foi encontrada. Mas que tipo de busca seria essa? Busca? Melhor seria desdobrar em movimentos: terra nova, esperança, pancada, morte. Diferentes domínios disciplinares, epistemologicamente coaccessíveis, capazes de sediar ao menos por um instante o desabrochar da alegria. Literatura, filosofia e antropologia brasileira se tocam e se contaminam formando uma espécie de geometria Zen onde a palavra, a ontologia e o pensamento retornam a um ponto de origem fantasmático excepcionalmente real. Devir-Brasil. Dá para acreditar nisso? É engraçado. Você parece querer acreditar. De longe dá pra sentir a gorda espessura do desejo de um esperançoso cretino querendo solapar o texto e introduzir alguma de suas brincadeiras propedêuticas referenciais. O cretino quer um efeito de remédio, alguma medicina linguística estereotípica, endoxal, um inteligível comprado na farmacopeia analítica que termine com tudo de uma vez por todas. Mas não, não vai ser assim. A medida certa e a tipologia do humor não são dadas pelo efeito narcótico da razoabilidade, mas pela potencialidade de uma economia do delírio que triunfa provisoriamente no desconhecido. Não dá pra negociar com essa presença lassa que teme o lusco-fusco do paradoxo. A intuição poética, a alegria surrealista e a estética contemporânea são mobilizadas para traçar um roteiro capaz de tirar a escrita do impasse e a escola do seu desfecho catatônico; mas é evidente que elas não podem



fazer mais do que proporcionar pequenos excursos sobre o desastre; na melhor das hipóteses: fornecimento de matéria larvar para os volteios de uma linha funâmbula.

Já tentamos tecer, por muito tempo linhas se cruzaram com demasiado cuidado, com determinada ordem de entrelaçamento. Ousar fazer feltro, artesanaria caótica de enrolamento desatinado de linhas que se enroscam. Tecer e com tecer, acontecendo no emaranhado dos movimentos aberrantes, fazendo outra coisa que era mesma de antes, mas totalmente diferente. Fiando formas impossíveis apenas pelo prazer de confiar. Novas línguas já se manifestam. Expressam palavras que não são expelidas esperando entendimento. Parecem não buscar comunicação comum. Exalam palavras por forças e formas de desejo produtivo. Máquinas de corpos que exigem encontros. Potência de movimento que encaixa qualquer diferença. Ninguém nunca quis ser ensinado, mas sempre buscamos o encontro. Do êxtase de fiar potências sem alguém que tece de fora com intenção e expectativa sobrepujante, brota uma paixão explosiva pela educação. A vida se torna ela mesma educação. Educação animista que respeita explorações desatinadas. Respeitar como espreitar de novo.

Educação quando se debruça ao outro, prepotência para competência. Quando se debruça a si mesma, atividade e “compotência”. Nos espaços destinados à educação, onde exclusivamente dizem acontecer o ensino, cercado de muros e ordens, já nem conseguimos perguntar mais o que pode o corpo ali dentro. O corpo sempre pode, mesmo encarcerado, mesmo na solitária, mesmo amarrado e em tortura, o corpo sempre pode. Mas o que interessa é questionar o que poda o corpo? Corpo que pode tanto, podamos. O corpo não é passível de ensino, no máximo aplicamos pequenas torturas. O pensamento muito menos, segue em sonhos e delírios mesmo nos mais grandiosos encarceramentos.

O educador sentado no vazio do banheiro exclusivo. As mãos no rosto, cotovelos no joelho. A tampa e a porta estão fechadas, por dentro. Mesmo exclusiva, a porta está cheia de frases de desespero e angústia. Insistentemente ele pensa uma nova frase que possa resolver a situação, novas ideias, novas certezas. Não consegue escrever frase nenhuma, apenas mais um risco forte para não deixar de usar o pincel já sem tampa. Volta para a reunião de professores. A diretora interina segue gritando. Ela sim, portadora de certezas e convicções. Ela parece saber como tudo deve acontecer daqui pra frente. Cita leis, cita os debates nacionais sobre o currículo, cita o belíssimo Planejamento Pedagógico elaborado com muito custo por uma estagiária de pedagogia. Aponta para as imensas pilhas de livros didáticos que já não tem mais onde ser enfiados e ocupam o espaço entre os armários enferrujados e o sofá rasgado dos fumantes.

Na angústia de necessariamente encontrar consolo nas ideias, resolvem investir em certezas. Mas ainda pior, as extensas reuniões se dedicam a antever cada certeza planejada almejando sua implantação impecável. Cada chuva em milímetros, o vento na direção e velocidade. Mas antever não basta, a necessidade que movimenta é de ter ainda mais convicção. Esforço hercúleo de elaborar antes cada passo e gesto

da coreografia. Coreografia extensa; bimestre, semestre, ano, fundamental e médio. Dispositivos de pasteurização para cumprir ordens e atingir metas. O grande líder ameaça com corte de verbas, fecha a torneira, desliga a luz. Este é o problema quando os que usam os recursos não tem acesso ao reservatório. Onde existe ameaça já não existe escola. Onde existe ordem e utilidade já não tem como acontecer educação. Depois de mais uma imensa caneca de café o professor volta para o banheiro exclusivo, agora ele tem certeza da frase nova, escreve com o pincel atômico grosso vermelho a frase que o fará aliviar as tensões por algumas horas. Na reunião tudo parece resolvido, se cada uma das ações pensadas for realizada todos os problemas vão acabar.

Longínquos tempos de muita luz. Acreditou-se na luz. Mas ampliar a intensidade da luz ao máximo pode cegar. Assim depois de um tempo os portadores de lanterna, os intermediários do Sol passaram a ser ignorados. O escuro começou a fazer sentido depois da aceitação. Honrar a sombra sem desatino. Quanto medo poderia brotar na imersão das penumbras? Pois alguns desavisados, já quase doentes de cabeças latejantes, resolveram abandonar a louvação iluminada. Descobriram nas cosias que não sabiam o êxtase. Onde os iluminados diziam que só havia angústia e desespero, encontraram orgias pela realização do não saber. O mistério era uma deusa encantada, preta véia dos olhos de buraco negro, cabelos volumosos, enroscados. A dúvida passou a ser a paixão mais deliciosa.

Foi quando ele chegou na segunda feira pela manhã já descrente de qualquer salvação, nenhuma melhoria era possível. Mas ele gostava da turma, dos estudantes, sabia o nome de quase todos. Resolveu abrir o jogo. - Sexta feira tivemos mais uma reunião de professores para definir cada dia da vida de vocês. Participo destas reuniões demoradas fazem 25 anos, todos os meses, algumas semanais. Em todas as vezes falamos apenas em como conter cada espaço de criação de vida, como controlar e definir ações para ordenar a vida de todos vocês. Mas nunca deu certo, sempre saímos com muitas certezas do que fazer, mas nunca conseguimos implantar nada. Vocês venceram, a escola chegou ao fim, a escola na verdade parece que nunca existiu. O lugar de não fazer nada, *Scholé*, morreu antes do primeiro suspiro. Não quero mais assumir compromisso de executar qualquer uma das convicções estratégicas definidas. Não sei o que fazer, não quero mais controlar a vida de vocês, não quero mais controlar a vida de ninguém. Nada do que eu falo é para algum de vocês, tudo que digo é para qualquer um. O que preciso dizer se direciona para uma massa amorfa de pessoas que poderiam estar aqui, num deserto ou numa ilha em Fuji. Não existe relação, nem conexão. Ficamos aqui fingindo um teatro patético enquanto apenas seguimos à risca conversas protocolares. Precisamos nos enxergar, precisamos saber quem somos. Precisamos ser alguma coisa além da burocracia que nos esmaga.

E não foi mais fundo da caverna que encontraram sua saída. Preferiram manter-se entre, manter-se no meio, nas bordas. Ainda podiam ver as nesgas de luz dos

significados, mas ainda capazes de manter as pupilas dilatadas para as possibilidades. A exploração era conjunta mas sem portadores da escuridão. A noite não é coisa de conseguir carregar. Não existe tipo de lanterna de fazer escuro. A sombra vai junto com cada um, não tem como tomar conta da sombra do outro. Sombra é coisa que não se ensina, sombra não se deixa ensinar. Novas composições de mundo e de si nesta postura inaudita. Explorações e experimentações que não esperam de véspera nem projetam objetificações. Caminhar que adota a calma e despreensão de salvamentos, o mundo é muito urgente para ter pressa e a realidade é excessivo deleite para achar que se pode melhorar. Não tem expectativa de perfeição nem intenção de resultado. Estranho movimento para olhos fatídicos. Fatos escondem condições da percepção. Afirmam certezas no aniquilamento, negação e repúdio de tantas formas. Não pode, não é, não quero. Negacear a dúvida, desconsiderar o mistério causa alucinação do saber. Pois ousados são os que assumem não saber. Assumem que não sabem para onde estão indo. Assumem que não tem qualquer certeza sobre o que irão encontrar. Não adotam convicções como gatos de estimação.

O que acontece quando não se sabe o que deve ser feito? Com o educador morto e sem a insistência acachapante de busca por ideais, ninguém mais sabia o que deveria ser feito. Quanto podem surpreender os poetas soltos em campo aberto. Nem o mais vanguardista poderia suspeitar. Quando a educação se acessa de imediato, sem mediações, quando a educação não precisa pedir licença, quando educar não pede autorização nem debruça autoridade. Quando se destruiu a escola e não se precisa esmolar direitos e migalhas. Como alguém poderia sufocar porque não foi autorizado a respirar? Medo nenhum consegue impedir, não importa o tamanho da insegurança nem a gravidade da ameaça. O encarceramento e a submissão não foram mais tidas como razoáveis e assim todas as impossibilidades tiveram espaço para borbulhar. Se foram assim também todas as poupanças de conhecimento, as revelações à prestação, toda mesquinha de imposição de dívida e acumulação falsificada.

As zonas de contato com as indeterminações sempre estiveram abertas, por mais forças de poder e formas institucionais, estas zonas sempre estiveram expostas. Territórios com bordas de desapego, trânsito de efemeridades, espaços de dúvidas e desimportância. Encontros acontecem, potências brilham quando não sabem, quando não utensílios. Nestas zonas explode intensidade espalhando vontade de criação. Caos intempestivo de laboração intensiva. Oratório de si. Tudo que não é extremo, toda a mistura do meio. Composição nos atravessamentos, arregaçado e trêmulo diante de tamanhas possibilidades. Bastava não deixar a preguiça vigorar, e então dissipar a cumplicidade inferiorizante com qualquer poder.

Acreditamos mais nas coisas que não morrem. As coisas que não morrem não estão vivas. O Estado vai seguindo, parece mais sólido que qualquer corpo. Admiramos os que se conservam, permanecem no tempo, falseando a impermanência perturbadora. Para se fazer existir assim, a sociedade institucionaliza-se. Se faz corpo em instituições. Institui. Neste processo vai determinando e definindo. Neste caminho,

permanece, mas faz onde passa, terra arrasada. Pouco brota nos cercados do Estado. Costura ordens, classifica, discrimina. E na busca pelas certezas dá fim, define nas definições. Cada determinação é um término, um acabamento. Assim quem o encontra, finda. Entra num mundo de produção estéril, não há vida em quem não aceita morrer.

Nada disso, nenhuma parte deste delírio é coisa de projeção de um futuro adequado, lugar de satisfação perfeita. Cada delírio descrito já acontece. São insignificantes acontecimentos, pequenas coisas ativas. Mas são coisas que não se desejam totalizar. Estas outras pequenas práticas não querem fazer história nem almejam entrar para os livros didáticos, isto seria morrer o que são. Nenhum destes delírios imagina unificação massiva, não se manifestam em prol de uma vida boa e ideal. Não visam levantar bandeiras contra, não querem derrubar parede nenhuma, mas entregam marretas com alegria. Que se derrubem por dentro as paredes cinzas e tristes. Mas não se adota esperança, a arte de esperar. Nem se adere à vontade de transformação, argumentação parlamentar, convencimento, sedução para alguma reforma do continente dos mesmos conteúdos intoxicantes. Desintoxicação dos lixos e produção de potência sem esperar condições, nem condicionamentos. A contaminação de excesso de pureza é que rebaixa a vida. Efemérides e insignificâncias em bolhas ruidosas, saboreando dia a dia extremos gozos em posições nunca sonhadas. E nada disso é volta a passado idílico qualquer nem busca de futuro algum a chegar. Não se trata de uma tentativa de explicar o que as coisas são, explicar seu tempo sempre será um retardo. Nem se trata de dizer como as coisas deveriam ser, mas olhar para as forças e possibilidades criando junto novas composições. A escola já teve fim, já foram todas destruídas, o educador morreu, sempre esteve morto. Os anarquistas nunca tiveram um governo para entrar nos livros, mas sempre venceram, nunca foram vencidos. Sua potência de insignificância e invisibilidade, varia e nomadiza, quando alguém aponta para o alvo, eles já não estão mais ali.

Quando chega no nível mais baixo é que o rio está no mar. Espalhando e dispersando, sem qualquer intento de unidade pasteurizada. Largando, por ética, qualquer arrebanhamento, qualquer condução coercitiva diária. Não admitindo interações compulsórias em idades cada vez mais antecipadas. Sem presunção de burrice e julgamento prévio de incapacidade não considerando o amplo direito de defesa. Não é mais viável o aniquilamento sequencial dos desejos. Não é de obrigações inovadoras que precisamos. Não é para o doutrinamento sutil e encantamento efetivo que vamos dedicar a vida. As caixas pretas da escolarização um dia foram questionadas. E lá dentro descobriram o implante robótico da ensinagem intencional. Carregados de expectativas, moribundos portadores de livros didáticos, encarceram inocentes, estancam os fluxos, retêm possibilidades. Foi por perceber a mesma contingência nas aulas e nas jaulas que a escola acabou. “No crime de cárcere privado a vítima quase não tem como se locomover, sua liberdade é mais restrita que no sequestro, ficando confinada em um quarto ou uma pequena sala.” O crime se agrava na duração recorrente da restrição e do impedimento do livre ir e vir.

Quando a ficção traz a realização de uma educação alegre, a complicação é acreditar em qualquer outra realidade. Pelo menos a potência de criação ativa de ficções permite a não estagnação nas formas unificadas, condicionadas e negativas que abafam a vida. O delírio que balança a bundamolisse do mesmo. Novas línguas sempre foram faladas, muitos ditos dialetos nem faziam questão de usar escrita. “Nosotros” nunca paramos de tecer nossas micro histórias. A educação nunca convergiu com o ensino. Mas dentro de um pessimismo alegre nem sempre convém a indelicadeza de destruir o muro dos outros. Os cachorros mordem quando mostramos a corrente que está prendendo o pescoço. O vizinho abstêmio reclama dos amantes que gemem.

Ocupação da esquina, encostados no muro pichado de uma escola que já nem se sabe se existe. Escolas ainda existem? Eles perguntam. E educadores? Para algumas pessoas não existe ensino possível. Pessoas não são passíveis de serem ensinadas, somente se deixam submeter. Então o professor nunca mais entrou no banheiro escuro, fedorento e exclusivo. Não mais deixou que a ameaça trouxesse submissão. Fazia silêncio, mas ninguém foi silenciado. As potências se encontraram nas primeiras marretadas. Muros aproximam tanto quanto armas servem para se defender. O elevador de serviço, o banheiro exclusivo, a corrente do cão, o aviso do síndico no mural, tantas coisas acabaram junto com o fim da escola. O educador finalmente pode descansar em paz.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BECKETT, Samuel. **Companhia e outros textos**. São Paulo: Globo, 2012.

CORTÁZAR, Júlio. **Aulas de literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

VILA-MATAS, Enrique. **Exploradores do abismo**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

<http://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/direito-facil/sequestro-e-carcere-privado>

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-096-4



9 788572 470964